



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**ANA LÍDIA FAGUNDES FERREIRA**

**A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO**

**BAGÉ**

**2013**

**ANA LÍDIA FAGUNDES FERREIRA**

**A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras – Português e respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Pampa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudete da Silva Lima Martins

**BAGÉ**

**2013**

**ANA LÍDIA FAGUNDES FERREIRA**

**A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Licenciado em  
Letras – Português e respectivas  
Literaturas pela Universidade  
Federal do Pampa.

Área de concentração: Educação

Trabalho de conclusão de curso defendido em: 09 de maio de 2013.  
Banca examinadora

---

Profª Drª. Claudete da Silva Lima Martins  
Orientadora  
Unipampa

---

Profª MsC. Maria Eloá Gehlen  
Unipampa

---

Profª. Drª. Gilnara da Costa Corrêa Oliveira  
Unipampa

Dedico este trabalho primeiramente à Deus por sua bondade e amor infinitos e a todos que contribuíram e me incentivaram das mais diversas formas. Em especial à minha mãe Irene Fagundes Ferreira pelo apoio e compreensão.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus pelo dom da vida e força que representa em minha vida estando presente durante os desafios da caminhada.

À minha família, em especial à minha mãe que sempre me encorajou, acreditando em mim e me apoiando nos momentos em que mais precisei.

Aos professores que me conduziram até aqui com dedicação e sabedoria.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudete da Silva Lima Martins que com sua competência, me auxiliou para que eu pudesse chegar até aqui.

A todos os amigos que, direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Educadores não podem ser produzidos.

Educadores nascem.

O que se pode fazer é ajudá-los a nascer.

Rubem Alves

## RESUMO

Este estudo compõe o Trabalho de Conclusão do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e respectivas Literaturas, tendo por objetivo investigar a forma com que se manifesta a afetividade nas práticas pedagógicas de professores que atuam no Ensino Médio, de uma escola particular. Busca-se por meio da realização de uma pesquisa qualitativa, compreender a relação estabelecida pelos professores considerados afetuosos com seus alunos, bem como a forma com que a afetividade é manifestada na prática destes professores e as possíveis contribuições para os processos de ensino e de aprendizagem. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados questionários e diário de campo. Os sujeitos desta pesquisa são duas professoras indicadas pelos alunos do terceiro ano do Ensino Médio, com maior frequência, como professoras afetuosas. Os resultados do estudo indicam que a afetividade se manifesta nas práticas pedagógicas destas professoras, por meio das relações interpessoais que estabelecem com seus alunos. Neste sentido, os alunos reconhecem os professores afetuosos a partir do diálogo em sala de aula, da dedicação das professoras em se manterem atualizadas, do tempo de convivência que contribui para o estabelecimento do sentimento de confiança entre ambos e das atividades pedagógicas diferenciadas que cooperam para um aprendizado mais prazeroso.

Palavras – chave: Afetividade. Práticas pedagógicas. Professor.

## RESUMEN

Este estudio hace parte del trabajo de conclusión del curso de licenciatura en Letras Lengua Portuguesa y su respectiva literatura, con el objetivo de investigar la forma con que la afectividad se manifiesta en las prácticas pedagógicas de profesores que actúan en la Enseñanza Media, de una escuela particular. Se busca comprender a través de una pesquisa cualitativa, la relación establecidas por profesores considerados afectuosos por sus alumnos, bien como la forma con que la afectividad se manifiesta en la práctica de estos profesores y las posibles contribuciones para el proceso de enseñanza y aprendizaje. Hacen parte de los instrumentos de esa pesquisa los cuestionarios y diarios de campo. Fueron sujetos de la pesquisa, dos profesoras indicadas por alumnos del tercero año de la Enseñanza Media, con mayor frecuencia como profesoras cariñosas. Los resultados del estudio demuestran que la afectividad se manifiesta en las prácticas pedagógicas de esas profesoras por medio de relaciones interpersonales que establecen con sus alumnos. De esa forma los alumnos reconocen los profesores afectivos a partir del dialogo en clase, la dedicación del profesor en mantenerse actualizado, del tiempo de convivencia que copera para la confianza entre ellos y de las actividades pedagógicas que proporcionan un aprendizaje más agradable.

Palabras – clave: Afectividad. Prácticas pedagógicas. Profesores.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1: A influência da afetividade no processo de aprendizagem segundo a visão dos alunos .....	33
GRÁFICO 2: Professores e disciplinas dos professores indicados como afetuosos ....	43
GRÁFICO 3: Razões que justificam a indicação da professora de Português como afetuosa .....	47
QUADRO 1: Diferenças entre autoritarismo e autoridade .....	38

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1 - EDUCAÇÃO E AFETIVIDADE – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS A SEREM PENSADAS</b>	<b>12</b>
1.1 Afetividade x Educação Bancária	12
1.2 Afetividade na perspectiva de uma Educação Libertadora	14
1.3 O professor e a afetividade	18
1.4 Conceito de afetividade e sua relação com a educação	20
1.5 Afeto e educação – O mestre que ensina a arte de ver	25
<b>2 - METODOLOGIA</b>	<b>27</b>
<b>3. AS FACES DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO</b>	<b>31</b>
3.1 Características do professor com práticas pedagógicas afetivas	31
3.2 Relação professor - aluno	35
3.3 Autoridade e afetividade	38
3.4 O prazer existente no processo ensino - aprendizagem	40
3.5 A afetividade como componente da prática pedagógica	42
<b>4- CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>48</b>
<b>5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>50</b>
<b>6 - APÊNDICES</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

Acredito que ser professor não é tarefa fácil, pois penso que o professor, mesmo quando não deseja claramente, muitas vezes se depara com situações que envolvem conflitos no que se refere às relações vividas no contexto escolar.

Neste estudo, busco refletir sobre estas relações, analisando a questão da afetividade entre aluno e professor em sala de aula, contribuindo assim para encontrar respostas aos meus próprios questionamentos enquanto futura professora.

Suponho que a relação afetuosa entre professor – aluno, pode se tornar uma maneira de transformar o ambiente escolar em um lugar agradável tanto para o educador quanto para o educando.

Revisitando minhas próprias experiências como aluna, entendo que o professor carrega consigo não somente a missão de ensinar conteúdos de determinada disciplina em sala de aula, visto que possui o poder de deixar marcas na vida de um aluno, e estas marcas poderão causar boas ou más impressões.

Ao recordar meu tempo de aluna no Ensino Fundamental, percebo que não tenho lembranças de algum professor que tenha influenciado ou que tenha dito palavras de incentivo que me levassem a desejar e decidir ser uma professora também. Recordo que observava o comportamento das professoras em sala de aula e, no meu pensamento eu desejava ser uma, mas a razão do meu desejo, enquanto criança, eu não sei explicar, talvez um pequeno gesto da professora tenha sido motivo suficiente para despertar em mim uma admiração por essa profissão.

Lembro-me que, muitas vezes, observando a atitude de alguns professores, entendia claramente as discriminações que eles faziam entre um aluno e outro. Ou seja, tratavam de maneira diferenciada favorecendo, muitas vezes, os mais inteligentes ou até mesmo os que pertenciam a uma família de classe social mais privilegiada. Talvez, alguns professores pensassem que os alunos, pelo fato de serem crianças, não entenderiam ou não perceberiam os intuitos das atitudes de seus professores em sala de aula, no entanto, posso afirmar que para um aluno observador, nada passa despercebido.

O olhar, até mesmo dos alunos primários, percebem e podem entender muito bem a atitude do professor em sala de aula. Assim como eu observava os atos

discriminatórios de alguns professores, percebia em outros, muita sinceridade no tratar, no olhar, no agir. E isso realmente passava uma segurança para mim dentro da sala de aula.

Penso que muitas vezes, o professor não se dá conta do quanto uma palavra de incentivo ou um elogio podem fazer a diferença no processo de aprendizagem do aluno ou até mesmo na sua vida. Entendo que essas atitudes que, por vezes, passam sem que o professor veja, estão diretamente ligadas ao exercício da afetividade na relação com seu aluno.

O objetivo principal deste trabalho é investigar a importância da afetividade na prática pedagógica dos professores, especialmente do professor de Língua Portuguesa, e entender como se manifesta a afetividade na relação professor-aluno.

Para tanto, desenvolvi este estudo por meio de uma pesquisa de campo de perspectiva qualitativa, cujos sujeitos foram duas professoras indicadas pelos alunos como afetuosas. Acredito que os resultados encontrados podem contribuir para o melhoramento das relações que se estabelecem em sala de aula entre os professores e seus alunos que visam uma prática pedagógica que possibilite o diálogo, a interação e troca de conhecimentos em sala de aula.

Este trabalho está fundamentado teoricamente em textos de autores renomados como: Paulo Freire (1996; 1987), Rubem Alves (2005; 2007; 2010), Wallon (1975) e Almeida (2008), sem prejuízo de outras colaborações.

O presente trabalho está dividido em 6 capítulos. Apresento a seguir como, eles, se encontram organizados.

No 1º capítulo, apresento o referencial teórico, onde abordo as concepções de afetividade e sua relação com a educação à luz de alguns teóricos.

No 2º capítulo, esclareço o percurso metodológico e exponho quais foram os métodos empregados para o desenvolvimento desta pesquisa.

No 3º capítulo, apresento a análise e os resultados que obtive através desta investigação e minhas reflexões sobre a mesma.

No 4º capítulo, estão minhas considerações finais onde reflito sobre as contribuições que este trabalho me proporcionou para meu desempenho em minha futura prática pedagógica.

## **1 - EDUCAÇÃO E AFETIVIDADE – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS A SEREM PENSADAS**

Discutirei a respeito da afetividade na prática pedagógica dos professores tendo por fundamentação as ideias de Paulo Freire (1987 e 1996), onde o autor discute as relações dialógicas e afetivas entre professor e aluno e os conceitos apresentados por Rubem Alves (2005; 2007; 2010) sobre a satisfação que o professor deve ter ao ensinar, sem prejuízo de outras colaborações.

### **1.1 Afetividade x Educação Bancária**

Na educação bancária (FREIRE,1987) o professor é concebido como detentor do saber e responsável pelo depósito de conhecimentos nos alunos. Desta forma o professor se coloca na relação que estabelece com os alunos como o único que tem o poder e conhecimento, por isso, muitas vezes acaba rechaçando qualquer tipo de aproximação afetiva com seus alunos.

Essa educação baseia-se na opressão, onde os professores impõem seus conhecimentos ao educando, fazendo com que eles se sintam incapazes de agir de forma autônoma. Para o autor:

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar (FREIRE,1987, p.28).

Desta forma, a relação entre professor e aluno se dá de forma vertical e autoritária, com pouco espaço para afetividade, colaboração e generosidade.

A respeito da generosidade o autor fala sobre a existência de uma falsa generosidade, que, segundo ele, é usada para amenizar o poder dos opressores sobre os oprimidos.

... por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo

oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria (FREIRE, 1987, p.17).

Esta falsa generosidade faz com que o aluno se sinta dependente do saber do professor, compreendido nesta perspectiva como opressor. O aluno vê o professor como um doutor a quem deve obedecer e concordar em todo conhecimento que lhe é passado e se vê como alguém que não tem nada a oferecer. Este sentimento está ligado ao que o autor chama de autodesvalia (FREIRE, 1987 p.28), que resulta da introjeção que os oprimidos fazem das concepções impostas pelos opressores.

Na educação bancária o aluno é visto como um ser vazio, incapaz de refletir e criticar, sendo assim, acaba por reprimir qualquer conhecimento ou pensamento autônomo. O autor defende ainda que os oprimidos, até o momento em que não tomam consciência de sua opressão, aceitam serem explorados de tal forma. Sendo assim, o que deve ser trabalhado é a liberdade do opressor, pois ele próprio se encontra preso às suas convicções, de que para exercer autoridade sobre o educando é necessário fazer uso de seu poder manifestado na ideia de que ele é o único que possui o conhecimento e que sem ele o discente não pensa e não terá uma visão do que é o mundo.

O autor fala também do medo que os oprimidos possuem da liberdade. Liberdade esta que segundo o autor, pode conduzi-los a se tornarem opressores ou mantê-los atados à condição de oprimidos “A libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição dos opressores – oprimidos, que é a libertação de todos” (FREIRE, 1987, p. 19). Esta libertação a qual o autor se refere deve partir do próprio oprimido no momento em que este reconhece sua capacidade de pensar por si mesmo sem a intromissão do opressor.

A educação bancária é vista como instrumento da opressão, já que o educador é o narrador e o educando o ouvinte. Dessa forma, se torna difícil para o professor criar uma relação de afeto com os alunos, pois, para que isso ocorra, o professor deve enxergar o aluno como aquele que também tem conhecimentos que precisam ser considerados e valorizados.

Na educação bancária, o diálogo entre professor e aluno também é restrito. O professor não procura conhecer quem é o educando, pois seu objetivo é transferir

seu conhecimento e esperar do aluno respostas somente sobre o que lhe foi transferido.

Entendo que não existe um método educacional perfeito pelo qual o professor possa se guiar na certeza de que ele não irá falhar. No entanto, se o educador ama o que faz e tem consciência do seu compromisso profissional, ele irá procurar a melhor forma de fazê-lo, sem pensar somente em si, mas focar o que é melhor para o seu aluno por meio do estabelecimento de uma relação afetiva, comprometida e solidária com os seus alunos.

Se na educação bancária não é permitido um diálogo afetivo entre professor e aluno, na educação libertadora ela é fundamental para superação da opressão e libertação dos sujeitos oprimidos.

## **1.2 Afetividade na perspectiva de uma Educação Libertadora**

Na educação Libertadora o diálogo entre professor e aluno é fundamental. E não está resumida apenas na transferência de conhecimentos pelo educador como esclarece Freire: “A educação libertadora já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir conhecimentos e valores ao educando” (1987, p.39). O diálogo envolve afeto e humildade, pois se dá através das relações do homem com o mundo, como afirma Freire (1987, p.45) “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”. Isto porque é através da palavra que o homem pode transformar o mundo, sendo assim, o diálogo não está restrito à relação eu/tu, pois é construído através das experiências alcançadas enquanto sujeitos no mundo, e é por intermédio do diálogo que se estabelecem as relações do homem com o mundo possibilitando uma troca de vivências com os demais.

Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados desse direito. É preciso primeiro, que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito proibindo que este assalto desumanizante continue”. (FREIRE, 1987, p. 45)

Ainda segundo Freire (1987, p.45), a reconquista desse direito de dizer a palavra, está ligada ao processo de libertação que o oprimido deve passar. O

diálogo, antes de tudo, não pode estar reduzido ao ato de depositar ideias de um sujeito no outro como fiz referência na educação bancária, pois, de acordo com Freire (1987, p.45) “A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro” ou seja, todos são capazes de dialogar, desde que haja amor, pois o diálogo, como fiz referência mais acima, envolve afeto, ou amor como prefere Freire (1987, p.45) “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”, resta ao professor amar ao aluno para depois praticar o diálogo em sala de aula.

O diálogo ainda exige humildade. Se eu vejo ignorância só no meu aluno e não sou capaz de reconhecer que também sou destituído de algum conhecimento, não estou apto para um bom diálogo, como diz Freire (1987, p.46) “Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança...” é importante transmitir conhecimento, porém, se não espero nada em troca se torna algo vazio, sendo assim, é necessário que o professor entenda que pode aprender com seu aluno também.

Para conquistar um diálogo, em qualquer situação, é necessário que meu interlocutor tenha liberdade para expressar o seu ponto de vista, o que não é diferente na sala de aula na relação professor - aluno. Muitas vezes, o professor tem uma opinião diferente que a do aluno, no entanto, ter um bom diálogo não quer dizer que devemos concordar com tudo o que o outro diz, mas sim, saber respeitar a fala do outro.

Penso que uma educação dialógica contribui para uma relação afetuosa em sala de aula, pois acredito ser através do diálogo que professor e aluno podem estabelecer laços de confiança ou como aponta Freire (1987, p.45), fazendo referência ao amor: “Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo.”

Acredito ainda, que a afetividade ou, amor como atribui Freire (1987), quando agregada ao diálogo, possibilita para que haja uma troca de conhecimentos mais ampla entre professor e aluno sobre os conteúdos ministrados, pelo fato de que o aluno possui uma liberdade maior para interagir em sala de aula.

Essa interação entre professor e aluno em sala de aula pode ser associada ao que Martins (2013, p.3) chama de A constituição social do homem, pois implica na formação de indivíduos capazes de dialogar com o mundo a partir de suas relações em sala de aula, na troca de conhecimentos. Martins aponta que a psicologia sócio-histórica “traz em seu bojo a concepção de que todo homem se

constitui como ser humano pelas relações que estabelece com os outros.” (MARTINS, 2013, p.113). Sendo assim, a sala de aula é um lugar propício para essa formação, mas para que isso aconteça é necessário que o professor abra espaço para que o aluno também manifeste seus conhecimentos, pois assim estará valorizando o aprendiz:

Quando nos referimos a negociação, estamos valorizando as trocas entre os parceiros em sala de aula, pois é nas interações que tanto o conceito científico pode ser mais detalhado pelo professor, pois passa a ser mais discutido em um processo descendente, quanto os conceitos mais cotidianos dos alunos passam a ser enriquecidos e tomam um caminho mais ascendente, pois são ampliados pelo conhecimento científico, elaborado historicamente. (MARTINS, 2013, p. 117)

Uma educação embasada na interação através do diálogo como sugere o método libertador de Freire (1987), parece mais apropriada para um professor que visa uma relação de afeto em sala de aula, pois possibilita que professores e alunos possam trocar conhecimentos, como afirma:

O importante do ponto de vista de uma educação Libertadora e não Bancária, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. (FREIRE, 1987, p.69).

Alguns professores não reconhecem a importância que as suas palavras e atitudes podem causar na vida de um aluno. As consequências podem ser tanto positivas quanto negativas. Freire (1996) afirma que:

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo (FREIRE, 1996, p.19).

O autor conta uma história de um pequeno gesto de seu professor quando ele ainda era um menino, frágil e inseguro. O professor ao entregar-lhe o trabalho de redação, sem dizer palavra alguma, apenas balançou a cabeça numa demonstração de respeito e consideração (FREIRE, 1996, p.19). Este gesto valeu mais do que a própria nota 10 que o professor atribuiu ao seu trabalho.

Existem professores que raramente elogiam o trabalho dos alunos, pois se preocupam apenas com a lista de conteúdos que necessitam transmitir para eles até o final do ano, sem conseguir perceber e valorizar a dedicação, esforço e empenho de seus discentes..

Penso que, o professor deve estar aberto às indagações dos alunos, às suas curiosidades e perguntas como também deve estar preparado para lidar com as inibições dos alunos. Além de conhecer o aluno, Freire (1996) afirma que ensinar exige querer bem ao educando.

É importante deixar claro que, para o professor construir uma relação dialógica e afetiva com seu aluno, não significa que ele deverá abrir mão de sua autoridade profissional. Ao contrário, no momento em que o aluno perceber que é respeitado em suas opiniões e amado pelo professor, provavelmente se sentirá mais confiante e seguro para aprender e se desenvolver.

A afetividade na relação professor- aluno, de acordo com Freire (1996, p.16), não pode interferir na ética do seu dever de professor no exercício de sua autoridade. O professor deve estar ciente de que não pode se deixar levar pelo bem querer ao aluno no momento de avaliar um trabalho, por exemplo.

Mesmo diante das possíveis dificuldades que os professores enfrentam no exercício de sua profissão, penso que é fundamental que eles tenham consciência de que estão lidando com pessoas, que independente de suas diferenças são seres que estão ali diante dele e esperam algo dele, que muitas vezes não se reduz apenas à aquisição de conhecimento científico.

Desta forma, as emoções e sentimentos estão presentes nas práticas pedagógicas dos professores que buscam construir laços de afetividade com seus alunos. Esses sentimentos se manifestam nos professores tanto pela satisfação expressa pelo cumprimento do seu trabalho quanto pelo gosto e alegria em fazê-lo.

Freire (1996) enfatiza a importância de que os sentimentos e emoções não sejam negados, mas reconhecidos e compreendidos, como manifestações humanas. O autor afirma:

É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negados dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes fortes, dos educandos. Se não posso de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas (FREIRE,1996, p.53).

### 1.3 O professor e a afetividade

Entendo que tudo que é feito com prazer é mais agradável tanto para mim quanto para o outro, mas o que é feito por algum interesse ou por obrigação deixa de ser prazeroso e se torna cansativo, ou seja, acredito que se o professor gosta do exercício de sua profissão, é provável que os alunos se sintam atraídos pelas propostas de atividades de tal professor em sala de aula, por outro lado, se o professor não gosta de sua profissão ou exerce por outro motivo que não seja o de auxiliar o aluno no seu desenvolvimento intelectual e afetivo, é presumível que, tanto os alunos como ele mesmo, se sintam enfadados em sala de aula.

Wallon (1975), afirma que no estágio da adolescência, o indivíduo passa por transformações físicas e psicológicas muito fortes, caracterizado como estágio afetivo. Nesse estágio, o adolescente passa a lidar com seus próprios sentimentos e emoções de uma forma bastante conflituosa. Considerando que é nesta fase que o aluno passa grande parte de sua vida no convívio escolar, fica claro que o professor participará muitas vezes dessas transformações.

Penso que a relação afetiva professor-aluno pode contribuir para que os alunos consigam aprender, pois eles podem ver em seus professores, um amigo, um companheiro, um colaborador. Desta forma, o aluno adota uma conduta de respeito, cooperação e atenção nas aulas deste professor, podendo inclusive ter uma assimilação mais rápida e consistente do conteúdo por ele ministrado (ALMEIDA, 2008, s/p).

Para possibilitar uma educação fundamentada na afetividade, acredito ser necessário que os professores tenham conhecimento da realidade dos alunos, conhecendo seus anseios, desejos, sonhos e objetivos. Contudo, não posso afirmar que se todos os professores forem afetivos com seus alunos teríamos todos os problemas da educação resolvidos. Porém, compreendo que não é possível negar que todo trabalho que é feito com amor, em geral tem maior probabilidade de ser gratificante. Qual profissional não gosta de se sentir bem acolhido em seu ambiente de trabalho?

Além de conhecer o aluno, penso que o professor pode procurar vê-lo com empatia buscando compreender as emoções e inquietações de seus aprendizes no seu cotidiano escolar.

De acordo com Almeida (2008), existem cinco passos para a preparação emocional da criança que o professor pode observar para que possa interferir de maneira cooperativa e não reprovar ou ridicularizar o seu estado de espírito:

1. Perceber a emoção da criança.
2. Reconhecer a emoção como uma oportunidade de intimidade ou transmissão de experiência.
3. Escutar com empatia, legitimando os sentimentos da criança.
4. Ajudar a criança a nomear e verbalizar as emoções.
5. Impor limites e, ao mesmo tempo, ajudar a criança a resolver seus problemas. (ALMEIDA, 2008, s/p apud GOTTMAN, 1997, s/p)

Destes cinco passos determinados pelo autor, destaco a empatia do professor com o aluno, pois é algo indispensável para dar início a uma relação de afeto entre ambos. Geralmente os professores não estão preocupados com o estado emocional de seus alunos em sala de aula como explica a professora Taiar (2009, s/p) ressaltando a teoria de Wallon onde diz que: “Na verdade, as atitudes dos professores diante da alegria, do medo ou da tristeza são variadas, procurando mostrar ao aluno que o seu comportamento foi inoportuno naquele momento, e que o desagradou”. Para o professor, muitas vezes, o mais importante naquele momento é passar o seu conhecimento para seus alunos independente do estado de espírito que seu aluno eventualmente possa se encontrar.

No entanto, penso que quanto maior seja a atenção do professor ao aluno no que diz respeito a suas emoções, maiores chances o professor terá de envolvê-lo na sua disciplina. E isso possibilitará ao aluno e a ele próprio uma construção de conhecimento de uma forma mais afetiva a qual se tornará mais prazerosa para o discente pelo fato de o professor ganhar sua confiança e amizade.

De acordo com o sociólogo do trabalho e escritor Domenico De Masi (2010, s/p), a escola tem preparado as pessoas para serem tristes porque prepara o jovem apenas para o futuro profissional e não para a vida. Talvez seja uma afirmação bastante forte para os atuais e futuros professores, pois, acredito que não é essa a vontade de nenhum professor, a de formar pessoas tristes, mas essa afirmação leva-me a pensar em como o aluno se sente em sala de aula, se ele está ali por prazer ou por imposição da família, da sociedade ou do governo:

Basta contemplar os olhos amedrontados das crianças e os seus olhos cheios de ansiedade para compreender que a escola lhes traz sofrimento. O meu palpite é que, se fizermos uma pesquisa entre as crianças e os adolescentes sobre as suas experiências de alegria na escola, eles terão muito que falar sobre a amizade e o companheirismo entre eles, mas pouquíssimas serão as referências à alegria de estudar, compreender e aprender. (ALVES, 2010, p.16)

Talvez se o ensino fosse voltado para atividades mais interativas tais como debates em sala de aula sobre temas do interesse dos alunos, favorecendo dessa forma o diálogo, o estudo se tornaria mais interessante para eles, pois, às vezes, o professor se detém em apenas passar o conteúdo programático para a turma, tornando a aula sistemática e cansativa.

De acordo com os autores Rodrigues e Viana (2011, s/p) a relação afetiva entre professor e aluno deve ser a que melhor revela a essência do que é educação, pois a afetividade é um elemento indispensável no processo do desenvolvimento humano, na formação do ser humano como ser social.

Segundo a pesquisa de campo feita por uma aluna da Universidade Estadual de Londrina, Brust (2009, p.35) é possível perceber o quanto é importante para o aluno o diálogo com seu professor. De acordo com esta pesquisa, os alunos gostam de conversar com o docente e gostam de serem ouvidos por ele, e muito mais sobre questões pessoais, sendo que doze alunos dos dezoito entrevistados declararam que gostam de falar com o professor sobre suas vidas, porque estabelecem com ele uma relação de afeto e confiança.

Embora a pesquisa tenha sido feita com alunos do Ensino Fundamental, do 4º ano e 5º ano não descarto a possibilidade de que os alunos do Ensino Médio tenham esta mesma opinião sobre o relacionamento com seus professores. Isto denota que a afetividade entre professor e aluno é importante desde o momento em que a criança é inserida na sala de aula.

#### **1.4 Conceito de afetividade e sua relação com a educação**

Gostaria de associar a afetividade com o termo *Philia* apresentado por Marcondes (2008, p.3) como uma definição do Grego para amizade, porém, trata-se de uma expressão que procura definir a amizade como:

...um sentimento recíproco, que une os membros de uma comunidade, considerando-os *hetairios*, ou seja, “aquele que pertence ao grupo”. É o laço de afeição que une os irmãos e os companheiros, em um sentido estendido de irmão. (MARCONDES, 2008, p.4)

Sendo assim, considero adequado usar essa definição para a afetividade aqui apresentada, pois não quero que a afetividade aqui discutida se resuma em um sentimento de carinho do professor pelo aluno simplesmente, mas de verdadeira afeição.

Segundo os autores Leite e Tassoni (2012, p.5), ancorados na teoria de Wallon observam que a afetividade possui uma concepção mais ampla do que uma simples emoção, pois envolve uma gama maior de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica).

Seguindo esta mesma linha de pensamento, é possível entender a afetividade como uma manifestação de amor não passageiro, mas de forma permanente nas relações que os seres humanos estabelecem. Logo, a afetividade como expressão de amor se mantêm presentes nestas relações, mesmo diante de sentimentos de insatisfação ou contrariedade.

Sendo assim, a afetividade possui um papel essencial na educação já que de acordo com os autores Leite e Tassoni (2012, p.5), a criança acessa o mundo simbólico por meio das manifestações afetivas que permeiam a mediação que se estabelece entre ela e os adultos que a rodeiam e ainda defendem que a afetividade é a fonte do conhecimento.

Acredito que talvez a afetividade não seja a fonte do conhecimento, mas pode fazer parte do desenvolvimento intelectual da criança pois:

a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados. (LEITE E TASSONI, 2012, p.9)

Penso que a afetividade nasce no momento em que há contato com o outro, e depois do convívio familiar o lugar onde a criança, o adolescente mantém este

contato com o outro em diferentes espaços, dentre eles, é a escola. Daí a importância do professor buscar uma relação afetiva com o aluno, baseada no diálogo e na compreensão.

Embora a escola seja um local onde o compromisso maior que se estabelece é como processo de transmissão/produção de conhecimento, pode-se afirmar que "as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente. (LEITE E TASSONI, 2012, p.13 apud Almeida, 1999, p. 107)

Saliento que a afetividade não se restringe ao contato físico. Muitas vezes, o professor que frequentemente elogia o aluno, abraçando-o e beijando-o, não está necessariamente demonstrando afetividade, pois em alguns casos são apenas gestos costumeiros, mas sem nenhuma afeição de amizade e empatia. Além do mais, no momento em que a criança vai se tornando adulta, essas manifestações de afetos físicos do professor com o aluno acabam desaparecendo, "essas manifestações físicas se fazem substituir por outras, de natureza cognitiva, tais como respeito e reciprocidade", (LEITE e TASSONI, 2012, p.13 apud DANTAS 1993, p.75) o que manterá os laços de afetividade entre professor e aluno.

Portanto, compreendo afetividade como um sentimento recíproco de amizade entre professor e aluno e professor afetivo como aquele que em sua prática pedagógica procura compreender o aluno como um indivíduo que também possui conhecimentos e é capaz de interagir na sala de aula.

Percebo que na atualidade, as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (BRASIL, 1996) estão organizadas de maneira a possibilitar à escola e ao docente uma maior participação na vida do aluno até mesmo no seu meio social como aponta o art. 13º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996, p. 6) onde fala sobre a incumbência dos docentes de "Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade." Ou, se referindo à formação dos alunos no Ensino Fundamental a escola tem o dever de formar o aluno oferecendo a ele "a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade" (BRASIL, 1996, p. 11).

Ainda sobre as Leis e Diretrizes da educação, apontando para o Ensino Médio, a escola tem o dever de possibilitar ao aluno "o aprimoramento do educando

como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;” (BRASIL, 1996, p.12) e ainda esclarece que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996, p.01)

No entanto, resta saber como os profissionais têm aplicado essas leis nas suas práticas pedagógicas? Como os docentes têm participado no desenvolvimento afetivo de seus alunos? Como os professores veem os alunos em sala de aula, como um a mais ou como um ser humano?

Muitos professores, em suas práticas educacionais, podem não expressar afetividade na relação professor-aluno, simplesmente porque não sabem como a afetividade pode ser manifesta em sala de aula, e na tentativa de melhorar as relações entre ele e seu educando, o professor acaba por transformar suas aulas em verdadeiras anarquias.

Busco ainda, através dos resultados desta pesquisa, descobrir se os professores têm limitado suas relações afetuosas com os alunos tornando o ambiente da sala de aula um lugar restrito somente à explanação do conteúdo, e se essa restrição atinge ou não o processo de aprendizagem do educando.

Acredito ser essencial à educação, saber envolver os alunos nas atividades propostas pelos professores na sala de aula, sem que pareça penoso ao aluno estar ali. Pois, muitas vezes, o aluno não vai para a escola porque gosta, mas sim porque lhe é imposto pelo governo, pelos pais e pela sociedade.

A escola, pode ser um lugar prazeroso tanto para os profissionais da educação como também para os alunos, desde que ocorram relações de respeito, amizade, valorização da auto-estima dos alunos, ou seja, desde que existam relacionamentos saudáveis, sem opressão, ou uso abusivo de poder por parte dos professores e profissionais.

Dependendo dos alunos que a escola atende, poderá favorecer ou não para que o professor estabeleça relações de afetividade com os alunos. Por exemplo, crianças com problemas no seu ambiente familiar como filhos de pais separados, problemas de alcoolismo do pai ou da mãe, drogas e outros quesitos que deterioram

a estrutura familiar de um indivíduo, provavelmente, esses alunos terão problemas de indisciplina na escola e por isso, o professor terá dificuldades maiores para se aproximar deste aluno, como aponta Monteiro (2013):

O comportamento de uma pessoa obedece a atitudes e valores mais ou menos internalizados. Os problemas de disciplina, que também podem ser chamados “de convivência”, nas escolas, são um reflexo de uma crise de valores que está se produzindo em nossa sociedade em geral, e claro, na escola como subconjunto institucional criado por esta sociedade. Em um mundo cada vez mais globalizado, a informação chega diariamente aos lares, mostrando uma infinidade de cenários de violência. Ao mesmo tempo, a família como instituição está demonstrando fortes mudanças com a incorporação da mulher ao trabalho e a cada vez mais frequente separação dos casais, transformando-se em monoparentais, no próprio lar, muitas crianças aprendem sobre a violência e os maus tratos, a falta de respeito com os mais velhos etc. Na rua, a aprendizagem do darwinismo social, a assunção de determinismos e contravalores para a sobrevivência e a estima no bairro e no grupo. (MONTEIRO, 2013, p.4)

Entretanto, analisando de um ângulo mais psicológico, esses problemas na formação familiar desses indivíduos, poderão se tornar aliados do professor no momento em que este desejar incluir a afetividade em suas práticas pedagógicas, pelo fato de que estes alunos tendem a ter uma carência maior no que diz respeito à atenção, dedicação, amor e afeição. Esta falta de afeto que o aluno traz consigo pode ser uma brecha pela qual o docente poderá se chegar a ele como explica Monteiro (2013):

A escola não pode por si só modificar as causas que originam este problema, mas pode fazer o possível para não contribuir para isto e, pelo contrário, apresentar um quadro amigável, dialogador, pacifista, democrático e um currículo integrado, baseado em seus interesses e suas vivências. (MONTEIRO, 2013, p.6)

Mas, suponho que, para que isso aconteça, é necessário que o professor tenha um olhar muito sensível para o educando, ou seja, o professor necessita olhar a sala de aula não como um conjunto de alunos, mas olhar cada aluno de um modo individual, pois de acordo com Alves: “O olhar de um professor tem o poder de fazer a inteligência de uma criança florescer ou murchar. Ela continua lá, mas se recusa a sair para a aventura de aprender. (ALVES, 2007, p.38)

Neste contexto, considero importante ainda, na discussão em torno da afetividade os aspectos relacionados com a presença constante da violência dentro das escolas. Segundo uma avaliação feita sobre o conceito de violência no ambiente

escolar “A escola sofre os reflexos dos fatores de violência externos que têm gerado conflitos manifestados dentro da sala de aula, comprometendo o aprendizado e as relações interpessoais” (ANSER; JOLY; VENDRAMINI, 2003, s/p).

As autoras consideram que a relação professor - aluno pode vir a ser conflituosa quando ambos tendem a medir forças antagônicas sem possibilidades de criar uma empatia ou laços de afetividade a serem construídos por pequenos gestos e atitudes diárias. As autoras defendem que a principal meta do professor em sala de aula é adquirir a capacidade de ser solidário com o aluno e buscar um envolvimento emocional com este para possibilitar assim a formação moral e social dele.

Ainda segundo Anser, Joly e Vendramini (2003), a relação professor - aluno tem estado desgastada nos dias atuais, seja pela influência social ou pelos métodos educacionais que as escolas implantaram. Contudo, acredito que os laços entre professor e aluno podem ser preservados para que o professor possa contribuir para o desenvolvimento de seus discentes.

### **1.5 Afeto e educação – O mestre que ensina a arte de ver**

Alves (2005, p.24) cita um poema de Alberto Caeiro onde o autor declara que aprendeu a olhar as coisas e apreciá-las com o menino Jesus Cristo tornado outra vez criança, porque acredita que para ter olhos brincalhões como faz referência, é preciso ter as crianças como nossas mestras.

Esta declaração leva Alves a achar que a primeira função da educação é ensinar a ver o mundo. Mas como esta declaração se relaciona com o tema afeto? Penso que para o professor ser o intermediador entre o aluno e o mundo é necessário haver uma relação afetiva entre aluno e professor que possibilite o diálogo entre ambos, pois se não houver afeto é provável que não exista espaço para o diálogo.

Acredito que o primeiro passo para o educador conquistar a atenção de um aluno, seria ensinando-lhe a ver o mundo sob diferentes perspectivas.

O professor que busca auxiliar o aluno a ver e perceber na realidade aspectos que poderiam passar despercebidos (na leitura de um poema, por exemplo), pode conquistar a admiração do aluno que passa a ver aquele professor,

não mais como alguém que apenas detém conhecimento, mas como um verdadeiro mestre.

Para o autor “O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido.” (ALVES, 2005, p. 23). Sendo assim acredito que para os professores tornarem-se bons educadores eles precisam ter um olhar sensível à realidade dos alunos, pois segundo Alves (2005, p. 22) “Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem”.

Talvez, existam muitos professores que realmente veem somente o conteúdo programático de suas aulas e nada mais, e que também não estão preocupados em aprender a ver o mundo com um olhar sensível. Diante disso, pergunto: Que prazer um professor poderá sentir ao ensinar seus alunos sem por eles sentir afeto? Acredito que nenhum. Segundo Alves:

O professor que mostra a coisa ao discípulo e sorri enquanto aponta, que diz: “Preste atenção! Ouça como essa música é bonita”. Que toca mansamente com as mãos, Que lê um poema para seus alunos e se sente possuído, Está ligando o seu rosto, como memória poética, à coisa (ALVES, 2005, p. 47).

Enfatizo que não estou indicando um modelo de professor perfeito, até porque cada pessoa é diferente uma da outra e, portanto possui diferentes formas de se relacionar com o mundo. Contudo, há algo em que todos são iguais, pois são seres dotados de sentimentos. Uns mais sensíveis do que outros, mas todos com necessidade de sentir, de se relacionar e de manifestar seus sentimentos.

Sendo assim, acredito que o papel dos professores, é formar indivíduos sensíveis, que expressem seus sentimentos e emoções, na busca por serem mais felizes.

## 2 - METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada em uma escola da rede particular de ensino, situada no centro da cidade e atende alunos de classe média – alta do Ensino Fundamental ao Ensino Médio.

Foi uma pesquisa de campo de caráter, como apresentam Marconi e Lakatos (2009, p.04), qualitativo.

A pesquisa teve como sujeitos, duas professoras, que não serão identificadas pelo nome, mas somente pela disciplina que ministram, sendo elas a professora de português e a professora de história. Estas professoras foram indicadas pela turma do 3º ano do Ensino Médio, por meio de questionário, como afetuosas, ou seja, no questionário os alunos responderam à perguntas sobre as relações de afeto que os professores manifestavam em suas práticas pedagógicas, como os alunos percebiam essas relações e até que ponto essas relações de afeto percebidas pelos alunos influenciavam no processo de aprendizagem dos discentes.

A coleta de dados foi realizada por meio de registros em diário de campo e aplicação de questionários.

Os questionários foram elaborados com perguntas objetivas e tiveram por objetivo descobrir quais os professores que manifestavam afetividade em sala de aula e investigar como essas manifestações eram percebidas pelos alunos.

No diário de campo, registrei minhas reflexões durante as visitas ao colégio bem como algumas anotações retiradas dos documentos do mesmo para conhecer melhor o campo de pesquisa.

Pretendi usar como instrumento de pesquisa com os professores uma entrevista; entretanto, não foi possível por restrições do colégio.

Optei pelo uso do questionário porque, segundo Marconi e Lakatos (2009, p.86), o questionário é uma técnica de coleta que possui a vantagem de atingir maior número de pessoas simultaneamente além de obter respostas mais rápidas e precisas, também possibilita ao sujeito da pesquisa maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato.

O colégio está fundamentado na verdade, na justiça e na solidariedade segundo aponta o Projeto Político Pedagógico e foi fundado por um padre, por isso possui uma característica cristã católica e salesiana. Está localizado na cidade de Bagé. Trata-se de um colégio particular e atende alunos do Ensino Fundamental no

turno da tarde, no turno da manhã oferece o Ensino Médio do 1º ao 3º ano, e ainda oferece o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite. (DIÁRIO DE CAMPO, 04 dez. 2012).

A pesquisa foi realizada em 5 etapas.

### ***1ª etapa da pesquisa***

Na primeira etapa da pesquisa, fui até o colégio conversar com a coordenadora a fim de solicitar autorização para a realização da pesquisa. Depois de autorizada, combinamos data e hora para aplicação do questionário com os alunos. Fui até a escola no dia e hora marcados com as autorizações que deveriam ser assinadas, formalizando assim minha pesquisa.

### ***2ª etapa da pesquisa***

Com as autorizações devidamente assinadas, dei início a segunda etapa da pesquisa no dia 20 de março de 2013 no 2º período, na aula de português com a aplicação do questionário aos alunos do terceiro ano do ensino médio. Em sala de aula haviam 27 alunos; 9 meninos e 18 meninas, que responderam ao questionário.

A professora ficou presente no início da pesquisa. Primeiramente, solicitou à turma que fizessem silêncio explicando que eles estariam participando de uma pesquisa feita por uma aluna da Unipampa, em seguida me entregou a palavra e pude me apresentar aos alunos esclarecendo que necessitava de alguns minutos da atenção da turma, pois precisava que eles respondessem algumas perguntas sobre a manifestação da afetividade na relação entre eles e seus professores. À medida que os alunos terminavam de responder as perguntas, iam colocando os questionários em cima da mesa da professora.

### ***3ª etapa da pesquisa***

Entrei em contato novamente com a coordenadora do colégio para que eu pudesse dar início a terceira etapa de minha pesquisa. A coordenadora foi atenciosa

e marcou uma nova data e horário para que eu pudesse aplicar o questionário com as professoras. Sendo assim, retornei à escola no dia 26 de março de 2013 e fui até a sala da coordenadora e lá fiquei esperando até que desse o sinal para o segundo período que seria o momento que as professoras teriam disponível para responderem ao questionário.

No momento que as professoras chegaram, me apresentei e expliquei a elas sobre a pesquisa dizendo que elas tinham sido mencionadas nas respostas dos alunos com maior frequência como sendo afetuosas em sala de aula. Elas reagiram de forma muito educada demonstrando que estavam felizes pela escolha dos alunos e se mostraram prestativas no momento em que pedi que respondessem ao questionário para continuação de minha pesquisa.

As professoras levaram aproximadamente 10 minutos para responderem ao questionário, sendo interrompidas por duas vezes pela coordenadora e por outra professora as quais estavam tomando conta das salas de aula que as professoras deveriam assumir naquele período. Por esta razão, talvez, as respostas das professoras tenham sido bastante resumidas, pois o tempo foi bastante limitado para elas.

Por fim, as professoras entregaram os questionários e nos despedimos. A orientadora me acompanhou até o portão e deu a pesquisa como encerrada colocando-se à disposição, agradei sua gentileza e atenção e nos despedimos.

#### ***4ª etapa da pesquisa***

Com os dados da pesquisa em mãos, fiz a leitura dos questionários respondidos pelos alunos para identificar, primeiramente, os professores mais citados por eles como afetuosos e as razões pelas quais teriam eleito tais professores, na medida que lia a resposta de cada aluno, anotava o nome dos professores citados por aquele aluno e as razões de sua escolha. Finalmente, com os nomes de todos os professores citados pelos alunos em mãos, pude fazer um levantamento para identificar quais foram os mais mencionados. Identifiquei as duas professoras indicadas com maior frequência como professoras afetuosas e que seriam os sujeitos da pesquisa.

Após identificar estas professoras e aplicar o questionário com cada uma delas, fiz uma leitura minuciosa de suas respostas procurando identificar como elas

estabeleciam as relações de afeto com seus alunos em sala de aula e se levavam em consideração a afetividade como um fator importante em suas práticas pedagógicas.

### **5ª. etapa da pesquisa**

Para realização deste estudo, fiz a leitura de vários teóricos que trabalham com a questão da afetividade no processo de ensino – aprendizagem, buscando uma melhoria nas relações professor – aluno. Por intermédio dessas leituras encontrei informações e esclarecimentos que contribuíram para a realização da pesquisa aqui apresentada.

Considerei interessante investigar o tema afetividade nas relações professor – aluno, pois vários autores lidos, defendem que a afetividade está muito presente no núcleo escolar como contribuinte no processo de ensino-aprendizagem, como aponta Fernández (1991) que toda a aprendizagem é repleta de afetividade, já que ocorre a partir de interações sociais.

Antunes (2006) defende que a afetividade é um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. Para este autor, a afetividade se encontra escrita na história genética da pessoa humana e aponta que como o ser humano nasce imaturo, sua sobrevivência dependerá totalmente do outro, e essa necessidade se traduz em amor.

Segundo Dantas (1992), a afetividade possui uma influência na construção do conhecimento, no qual a aprendizagem depende do clima afetivo em sala de aula.

Por estas razões apresentadas pelos estudiosos da área, acreditei que por intermédio deste trabalho de pesquisa seria possível chegar ao conhecimento das práticas pedagógicas dos professores considerados pelos alunos como afetuosos e entender como a afetividade está sendo exercida pelos professores no âmbito escolar e se esses professores têm bem claro a influência que a afetividade exerce sobre o processo de ensino – aprendizagem.

Gil (2002), entende o trabalho de pesquisa “como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.”

Para Marconi e Lakatos (2009), “A pesquisa sempre parte de um tipo de problema, de uma interrogação. Desta maneira, ela vai responder às necessidades de conhecimento de certo problema ou fenômeno.”

Embasada nestas afirmações, realizei a pesquisa de campo buscando respostas sobre a presença da afetividade nas práticas pedagógicas dos professores.

A partir deste estudo, farei a elaboração de um pôster contendo as informações desta pesquisa para divulgação em futuros eventos que abordem temas sobre as relações afetivas estabelecidas em sala de aula entre aluno e professor.

### **3. AS FACES DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO**

#### **3.1 Características do professor com práticas pedagógicas afetivas**

A afetividade em sala de aula, muitas vezes, esta relacionada ao contato físico como manifestação de carinho do professor com seu aluno, no entanto, essa ideia nem sempre se faz necessária para que a afetividade seja percebida, ou seja, dependendo da concepção que o aluno possui sobre manifestação afetiva por parte do professor, um simples abraço ou um beijo, pode não significar para o aluno uma manifestação de afeto por parte do professor, até porque, essas manifestações físicas do professor tendem a desaparecer ao passar do tempo a medida que o aluno vai se tornando adulto. Acredito, que mais do que um beijo ou um abraço, a afetividade pode ser manifestada através do grau de importância que o professor demonstra com relação a aprendizagem do aluno.

Através da investigação dos professores considerados afetuosos pelos alunos, ficou notório que não é necessariamente um comportamento carinhoso que define esses professores, antes, a sua dedicação em passar o conteúdo, a atenção que o professor demonstra em sala de aula aos alunos, como explica este aluno justificando a razão pela qual percebe afetividade na sua professora: “*Atenciosa nas explicações. Se importa com os alunos*”. Partindo desse pensamento, é possível entender que a concepção que os alunos têm sobre manifestações de afeto por parte dos professores, está muito mais ligada com a questão do comportamento

pedagógico do docente e qualidade de ensino, do que a um comportamento de demonstração de afeto por intermédio de contatos físicos como um beijo ou um abraço.

Talvez o educador nem perceba no momento da explanação da aula, que está transmitindo além do conteúdo para seu educando. O conhecimento que o professor têm de sua disciplina, a forma com que conduz suas aulas, a dedicação no momento de suas explicações para deixar o conteúdo o mais claro possível; ao mesmo tempo que passa seus conhecimentos para o aluno, pode manifestar também algumas características de seu comportamento como afeto, atenção e confiança.

Foi o que percebi na resposta dos seguintes alunos quando questionados sobre as razões pelas quais definiram a professora como afetuosa: *“Deixa a matéria clara, só sai da aula depois do conteúdo estar claro”* ou *“...ela explica a matéria de uma maneira fácil para aprendermos melhor.”* Ou seja, os alunos entendem a preocupação da professora em deixar o conteúdo mais claro possível como uma manifestação de atenção. Sendo assim, é importante que o professor, no momento que ensina o aluno, busque mais do que ensinar, mas que também procure conhecer o aluno, suas necessidades, suas dificuldades, enfim; acredito que esta também é uma forma de ser afetuoso em sala de aula.

Ao constatar, por intermédio das respostas dos alunos ao questionário, que o professor manifesta características afetuosas no momento em que está explicando o conteúdo aos alunos, trago a memória o que Alves (2005, p.25) sugeriu ao falar que se crie um novo tipo de professor, um professor que nada tenha a ensinar, mas que se dedique a apontar os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana. O autor está se referindo ao que chama de A arte de ver, ou seja, o professor deveria, na visão do autor, abrir os olhos dos alunos para enxergar com a alma.

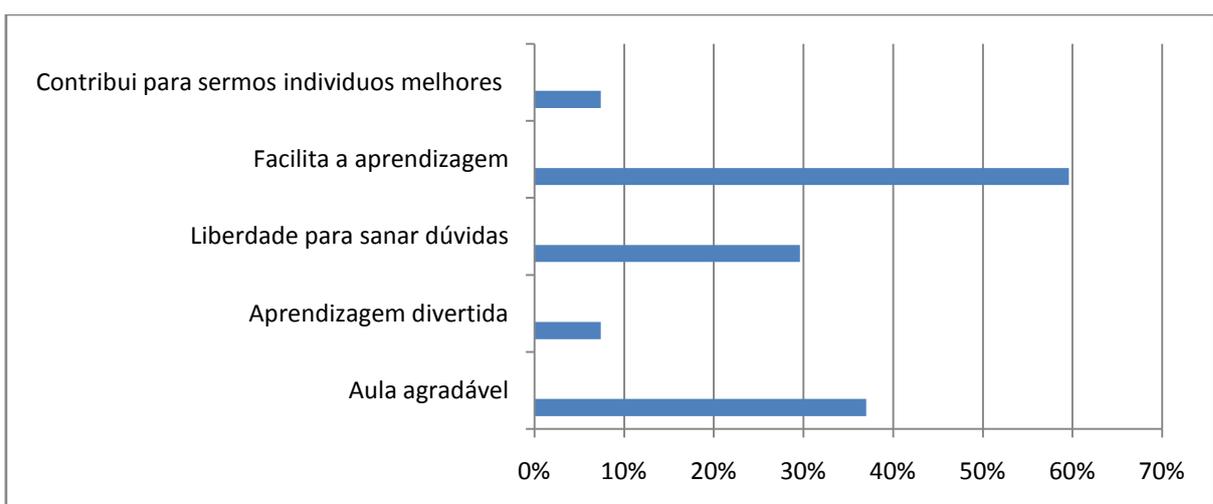
Os alunos percebem esta necessidade, pois eles buscam este ensino no professor, ou seja, que o professor não só oportunize um ensino fechado, limitado a uma só área, mas que faça o aluno enxergar além, imaginar, vivenciar, sentir prazer naquele momento, como explicou essa aluna falando sobre a professora de história: *“...nos conta a história e imagino como se estivesse lá.”* Este outro aluno se refere a mesma professora dizendo que *“Além de ser querida ela consegue deixar a aula engraçada.”*

Acredito que quando o professor consegue deixar a aula engraçada, é porque está despertando prazer no aluno e além de tornar o ambiente prazeroso, não permite que o aluno se sinta entediado em sala de aula como afirma Perissé (2013, p. 2 - 3), ao se referir as aulas de um professor engraçado “Nas aulas deste professor, não há lugar para o tédio. Não se daria aqui, necessariamente, falta de exigência própria e para com os alunos. Os alunos se sentem bem, se sentem à vontade, apenas isso.”

Os alunos fazem referência ainda ao prazer da professora em estar ali o que compreendem como uma preocupação e uma dedicação da professora em fazer com que a turma aprenda o conteúdo. Esta atitude da professora faz com que o aluno a admire e confie nela.

Alves afirma que “Quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro.” (ALVES, 2005, p. 70). Esta ideia de Alves é confirmada através das respostas dos próprios alunos, ao serem questionados sobre se a afetividade do professor exerce influência no seu aprendizado, os alunos foram unânimes ao responderem que sim e as razões foram diversas como pode se observar no gráfico abaixo:

Gráfico 1: A influência da afetividade no processo de aprendizagem segundo a visão dos alunos



Fonte: A autora, 2013.

Desta forma penso que quando o professor é concebido pelo aluno como afetivo, a aula se torna mais atrativa, por mais que o aluno não goste do conteúdo,

tende a rejeitá-lo menos simplesmente porque há uma admiração pelo professor. Como manifestou um aluno ao registrar que: *“Pois quando gostamos do professor e quando ele consegue afeto com os alunos, a aprendizagem fica muito mais divertida e mais fácil.”* O aluno não está especificando se gosta ou não do assunto que a disciplina do professor aborda, ele diz que se o professor é afetuoso ele faz com que a aprendizagem se torne fácil. Sendo assim, pode-se afirmar que, independente da disciplina em questão, a afetividade do professor será fundamental para o bom desempenho do aluno.

A manifestação da afetividade do professor está muito ligada ao ato de interação em sala de aula, pois, é através da liberdade que o professor dá ao aluno, que se permite uma troca de conhecimentos, ou seja, o aluno se sente valorizado no processo do ensino-aprendizagem quando têm liberdade para expressar suas dúvidas, suas ideias, como percebi no gráfico 1 em que grande parte dos alunos associam a afetividade do professor com a liberdade que ela proporciona no momento de sanarem suas dúvidas.

Percebi ainda, nas respostas destes alunos ao serem questionados sobre os aspectos da professora que consideravam como afetuosa: *“gosta de conversar com a turma e não apenas dar conteúdos”* ou *“as conversas em sala de aula nos proporciona um conhecimento maior”*. Também é possível notar que quando o professor reconhece e aprecia o conhecimento prévio do aluno por intermédio do diálogo, embora este conhecimento não esteja diretamente ligado à disciplina em questão, o professor não será visto pelo educando como o senhor do saber, mas sim como um ouvinte com quem o aluno pode fazer uma troca de conhecimento usando o que já sabe e aprendendo o que ainda não sabe. Desta forma, a sala de aula passará a ser um lugar, como aponta Martins (2013, p.9) *“privilegiado para fornecer o suporte necessário a ricas e profundas interações com o conhecimento socialmente elaborado.”*

Observa-se ainda, que quando um professor alcança a confiança do aluno por intermédio do diálogo, ele deixa de ser simplesmente o mestre que ensina em sala de aula, os alunos passam a tê-lo como um amigo, um companheiro ou como este aluno fala fazendo referência à professora de português: *“quase uma mãe dentro do colégio (...)”*.

Acredito que para que o professor crie esses laços de afeto com o aluno, é importante que ele considere a sala de aula não como um lugar vazio de

conhecimentos, mas sim, de um lugar propiciador de interação social, só assim é que haverá espaço para o diálogo e através do diálogo se criará os laços de afeto. Embora o aluno considere a professora quase uma mãe, não perde a referência de que ela é sua professora e que sua função é passar seus conhecimentos em sala de aula, no entanto, não impede que os laços de afeto entre professor e aluno favoreçam para uma relação de verdadeira amizade e consideração por parte de ambos.

### **3.2 Relação professor - aluno**

Embora não hajam parâmetros que digam exatamente como deve ser a relação do professor com seu aluno em sala de aula para que este seja considerado um professor afetuoso, sabe-se que há muitos fatores que influenciam e colaboram para que haja um bom convívio entre professor e aluno. Posso dizer que um dos fatores que influenciou a escolha das duas professoras mais indicadas como afetuosas pelos alunos, foi o fato de serem professoras que já acompanham a turma desde o Ensino Fundamental como explica este aluno justificando sua escolha pela professora de Português: *“É nossa professora desde a primeira série e tem intimidade conosco.”* Ou este outro falando da professora de História: *“Era professora desde o Ensino Fundamental.”*

Mesmo que, a escolha por tais professoras tenha ligação direta com o fato de conviverem a mais tempo com a mesma turma de alunos, é importante levar em consideração, que a grande maioria dos alunos que consideraram estas mesmas professoras como sendo as mais afetuosas, não justificaram suas escolhas pela razão de elas estarem com eles há mais tempo, mas sim por elas terem conquistado a confiança da turma, e possibilitar uma maior interação em sala de aula. Ou seja, de nada adianta o professor acompanhar uma mesma turma por longos anos se ele não estiver disposto a fazer uso de uma educação libertadora, que é aquela que Freire (1987) aponta como uma educação movida pelo amor manifesto através do diálogo.

Talvez, os professores não percebam o quanto um tratamento afetuoso com seus alunos influencia no desempenho de suas atividades pedagógicas e o quanto o

diálogo possibilita essa troca de conhecimentos entre professor e aprendiz. Como explica este aluno: *“Porque se somos mal tratados pelo professor ou não gostamos da forma de trabalho, procuramos participar o mínimo da aula.”* ou ainda *“Pode dar mais estímulo. Assim como ao contrário.”* Sendo assim, acredito que um professor que manifesta sua afetividade em sala de aula através do diálogo, da interação, proporciona ao aluno um aprendizado que vai além do conteúdo de determinada disciplina, antes, estará ensinando sobre outros requisitos fundamentais para o bom convívio social de seus alunos como a confiança, a atenção, a dedicação. Caso contrário, se a metodologia de ensino do professor não possibilitar a este um relacionamento de afeto com seu aluno, a sala de aula se tornará um lugar indesejado, maçante, tanto para o professor como para o aluno.

Penso que é responsabilidade do professor tornar o ambiente escolar um lugar onde os alunos adquirem, não somente conhecimentos científicos, mas também aprendem sobre como se comportar diante da sociedade. Alheit e Dausien (2006) explicam que aprendemos na escola e na universidade, no entanto, o que aprendemos de mais valioso, frequentemente não tem nada a ver com os programas oficiais. Este é um fator perceptível analisando as respostas dos alunos que participaram desta pesquisa, pois quando questionados sobre as razões de considerarem um professor afetuoso, em nenhum momento fizeram relação da afetividade do professor com os conteúdos ministrados, mas sim com o respeito, admiração, confiança; isso demonstra que além de aprender sobre o conteúdo programático os alunos aprendem sobre valores pessoais; caracteres que poderão influenciar em seus relacionamentos pelo resto de suas vidas.

Alheit e Dausien (2006, p.177) apontam ainda, para o fato de que através de nossa convivência social no decorrer da vida *“Experimentamos situações, adquirimos habilidades, testamos nossas emoções e nossos sentimentos”*, ou seja, através de conversas com os amigos, assistindo à televisão, lendo um livro, navegando na internet, estamos sempre em processo de aprendizagem. De certa forma, entendo que a escola pode ser um lugar propício para essa aprendizagem sobre a vida, porém, vai depender do professor, da maneira pela qual busca se relacionar com seus alunos, dando espaço ou não para que a aprendizagem vá além do conteúdo de sua disciplina.

No entanto, a tarefa de tornar a sala de aula um lugar de bons relacionamentos e de troca de aprendizado cabe ao educador, pois é ele o mediador

em sua aula, porém isso pode não ser tão fácil quanto parece. Nem sempre é possível para o professor manter um equilíbrio de entendimento com toda turma, por inúmeros motivos, um deles pode ser a indisciplina de algum aluno.

De acordo com Morales (1998, p.17) “Podemos ensinar algumas tantas coisas com nossas explicações, e outras diferentes com o que somos, com nossa maneira de nos relacionar com os alunos.” O professor, querendo ou não, sempre vai passar algo para o aluno além do conteúdo, como completa Morales (1998, p.17) “Tudo é relação e comunicação; até mesmo o modo de olhar os alunos diz algo para eles.”

A verdade é que o professor é um influenciador em sala de aula. Através de suas qualidades e defeitos, seu caráter e conduta, ele irá influenciar o aluno de alguma forma ou para o bem ou para o mal. O que se deseja é que todo o professor tenha um comportamento que influencie positivamente os alunos, no entanto, a ideia de um professor ideal não é possível, porque, por mais que o professor possua qualidades ou busque ser o professor ideal sempre haverá diferenças entre ele e algum aluno, como explica Morales (1998, p.30) “há muitos tipos de alunos e de situações.”

O importante é que o professor saiba que pode exercer influência sobre seus alunos, e que não está ligada somente ao estudo secular, mas interferirá no comportamento de seus alunos futuramente. Por isso, é necessário que o professor se empenhe o máximo em deixar boas impressões aos alunos, pois assim estarão formando bons cidadãos, como se entende na seguinte fala:

Tal influência não se dá apenas na linha dos conhecimentos e do desenvolvimento intelectual; incide também no desenvolvimento emocional e social dos alunos. Podemos influir também no desenvolvimento moral, no discernimento dos próprios valores e no discernimento para saber o que eles querem fazer com suas vidas. Nós, professores, não somos tudo, é claro, mas temos uma grande influência, ou podemos tê-la, na vida de nossos alunos. (MORALES, 1998, p.39)

Penso que todo o professor é capaz de fazer de suas aulas um marco para a vida de seus alunos de diversas maneiras; se procurar enxergar a sala de aula não somente como seu ambiente profissional, mas como um lugar onde poderá enriquecer suas relações afetivas e servir como uma referência na vida de seus alunos.

### 3.3 Autoridade e afetividade

A autoridade, muitas vezes, pode ser confundida com autoritarismo. Por isso, apresento algumas características que distinguem um professor autoritário de um professor com autoridade. O quadro apresentado por Gentile (2013, p.1) mostra claramente essas definições:

Quadro 1: Diferenças entre autoritarismo e autoridade

<b>Um professor autoritário...</b>	<b>Um professor com autoridade...</b>
...exige silêncio para ser ouvido;	...conquista a participação com atividades pertinentes;
...pede tarefas descontextualizadas;	...mostra os objetivos dos exercícios sugeridos;
...ameaça e pune;	...escuta e dialoga;
...quer que a classe aprenda do jeito que ele sabe ensinar;	...procura adequar os métodos às necessidades da turma;
...não tem certeza da importância do que está ensinando;	...valoriza o conteúdo de sua disciplina na construção do conhecimento;
...quer apenas passar conteúdos;	...adapta os conteúdos aos objetivos da educação e à realidade do aluno;
...vê o aluno como um a mais.	...vê o aluno como um ser humano.

Fonte: Gentili, 2013, p.01

Suponho que um professor que tem em seu comportamento pedagógico o autoritarismo como característica, dificilmente poderá ser visto pelo aluno como um professor afetuoso, pois geralmente esse autoritarismo do professor o levará a uma relação de soberania com seus alunos na sala de aula, sendo assim não existirá espaço para uma relação amigável entre professor e aluno.

Mas em se tratando da autoridade vinculada ao respeito que o professor obtém de seu aluno em sala de aula, posso dizer que é uma conquista para o educador quando consegue ser percebido pelo aluno como um professor autoritário e ao mesmo tempo flexível e amigável.

Foi o que percebi analisando as seguintes declarações dos alunos quando explicitaram suas razões sobre acharem um determinado professor afetuoso: *“Sabendo muito bem explicar a matéria, rígido e atencioso com todos que são interessados”*, este aluno parece enxergar na rigidez do professor uma qualidade favorável para o bom desempenho dos alunos interessados em aprender. Já este outro aluno observa que o professor é *“Rígido, porém, às vezes, é brincalhão e consegue explicar bem a matéria.”* Ou seja, os alunos concebem a autoridade do professor como uma virtude do mesmo que contribui para que haja uma relação afetuosa, já que estes professores foram nomeados por estes alunos como sendo afetuosos.

Olhando a autoridade a partir do ângulo destes alunos, é possível entender que se torna praticamente impossível para o professor obter uma relação afetuosa com seus alunos sem que, antes, ele conquiste o respeito dos mesmos.

A respeito deste assunto é cabível a seguinte fala:

Acabo de empregar o verbo “obrigar”, que tanto assusta hoje em dia. Mas esse emprego é justificado, porque a relação professor/aluno somente pode ser uma relação hierárquica, uma relação de autoridade na qual o primeiro precisa poder dar ordens referentes ao bom andamento da aprendizagem, e o segundo precisa segui-las, contando, é claro que sejam justas e se mostrem, ao longo do tempo, eficazes. Se isso não acontecer, das duas uma: ou a referida relação é vista como relação entre dois iguais (sempre no campo de um determinado saber) e, então, não se vê por que chamar um de professor e outro de aluno; ou a relação simplesmente não existe e, como já disseram: o professor faz de conta que ensina e o aluno faz de conta que aprende. (AQUINO, 1999, p.14)

O autor faz referência direta da autoridade do professor com o processo de ensino- aprendizagem o que de certa forma me remete novamente as respostas dos alunos que descrevi, pois, com outras palavras, eles também relacionaram a rigidez, o que sub-entende-se como a autoridade do professor no processo de ensino-aprendizagem.

Percebo ainda, que a autoridade do professor em sala de aula pode originar um equilíbrio nas relações entre professor - aluno, uma vez que haja um consentimento por parte do aluno com relação à primazia do professor em sala de aula, essa autoridade do docente não será prejudicial para o discente, pelo contrário, será um estímulo para que ele se empenhe mais para aprender.

### 3.4 O prazer existente no processo ensino - aprendizagem

Alves (2010, p.12), compara as disciplinas com taças multiformes coloridas, que devem estar cheias de alegria e que o professor deve ensiná-las ao aluno com deleite e que estes devem sentir o mesmo prazer ao receberem este ensino, caso contrário, o professor será um fracassado na sua missão.

Penso que para o professor contagiar o aluno de sua alegria em ensinar, não basta somente colocar um sorriso no rosto a cada momento que entra na sala de aula, antes, é preciso que o professor mostre sua paixão por ensinar através de seu empenho em enriquecer seus conhecimentos sobre a área que lhe cabe ensinar aos alunos.

Analisando os dados da pesquisa, percebi que os alunos observam o comportamento do professor muito mais do que se pode imaginar. É notável através de repostas como a deste aluno, considerando a professora de português como afetuosa: *“acho ela uma boa professora, muito inteligente atualizada e faz aulas muito boas.”* Através dessa afirmação, é possível entender que o empenho do professor em deixar suas aulas prazerosas não é uma tarefa inútil, pelo contrário, além de envolver o aluno na disciplina esta demonstrando ao mesmo que seu trabalho é feito com prazer, alegria, motivação etc.

Nota-se também, que o professor afetuoso é reconhecido por sua inteligência, ou seja, acredito que quanto mais o professor buscar enriquecer seus conhecimentos, e se manter atualizado sobre sua área de interesse e também sobre as áreas de interesse de seu educando, mais chances tem de proporcionar aulas prazerosas tanto para os alunos como para ele próprio, pois seu trabalho não estará resumido a uma tarefa enfadonha e rotineira, como a de encher o quadro de conteúdo e fazer a explicação do mesmo repetidamente todos os anos.

As vantagens de um professor ensinar por prazer e não simplesmente porque formou-se em determinada área do ensino, são várias. Uma pode ser a satisfação do próprio professor em ser feliz em sua profissão fazendo o que ama, o que lhe causa alegria, mas acredito que a maior delas está em proporcionar prazer ao seu aluno. Penso que não existe contentamento maior para um professor, saber

que seu aprendiz está na sua aula porque gosta, porque sente prazer em estar ali aprendendo com ele, não porque gosta da disciplina e nem por qualquer outra conveniência, mas simplesmente porque admira e é contagiado pelo prazer que o professor passa quando ministra suas aulas.

Freire (1996, p.23), defende que ensinar exige consciência do inacabamento “Gosto de ser gente, porque, inacabado sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.”

Penso, que o professor, consciente de sua necessidade de sempre estar aprendendo, toda vez que for ministrar suas aulas, ou no preparo das mesmas, mesmo que o conteúdo a ser ministrado já seja de seu conhecimento, pode criar novos métodos de ensino sobre determinado assunto visando o seu próprio crescimento enquanto ser inacabado e o crescimento de seu aluno. Freire (1996, p.23), se refere a uma inconclusão que se reconhece a si mesma, a qual implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Surge dessa inconclusão, a curiosidade, que segundo o autor “se torna fundadora da produção do conhecimento.” Dessa forma, resta ao professor ver-se como um ser inconcluso que está sempre em busca do conhecimento.

Outro aluno salienta que a professora apresenta suas aulas sempre com novidades. Imagino que o novo é algo que sempre desperta curiosidade, e quando o professor consegue despertar a curiosidade do aluno, pode-se dizer que este professor têm uma chance muito grande de enriquecer o aprendizado do mesmo.

Através da novidade em sala de aula, creio que o professor manifesta ao aluno o prazer no que faz, pois essa atitude do professor em inovar, variar, enfim, pode demonstrar ao aluno, como vimos nas respostas dos próprios, que seu docente é dedicado ao que faz, portanto ele faz com alegria, buscando sempre maneiras diferentes de despertar no discente o desejo de aprender.

Assim sendo, o prazer em ensinar e aprender pode significar afeto em sala de aula na relação entre professor - aluno, uma vez que o professor manifesta ser atualizado no assunto que lhe diz respeito, prepara uma aula com novidades e demonstra alegria no que faz. Dessa forma, o aluno percebe que o professor se

importa realmente em passar seus conhecimentos em sala de aula não por mera obrigação, mas porque sente alegria nisso.

A esta questão observam os autores Filho e Alencar (2013, p.8) que “O otimismo e alegria podem ser interpretados como itens importantes para o estabelecimento de um bom relacionamento entre professores e alunos”. Fato este que comprovei através de minha pesquisa nas respostas dos alunos sobre seus professores tidos como afetuosos. Os autores Filho e Alencar (2013, p.8) ainda trazem anotações de um caderno de conceitos do centro de formação de professores primários de Catalão, que achei interessante:

O professor precisa ser alegre. Com isto, não quero dizer que ele precisa viver dando gargalhadas nas suas aulas. A alegria do professor deve ser suave, é aquela alegria do dever cumprido. De quem vive em paz consigo mesmo e com os outros. O ambiente alegre da sala de aula e a aparência alegre do professor contribuem para o controle emocional da criança. O professor precisa ser otimista para transmitir otimismo. O professor deve promover atividades para proporcionar a estabilidade geral da criança, o seu bem estar, a sua aceitação pela escola e pelos colegas, enfim, o seu desejo de aprender a ler. (FILHO; ALENCAR, 2013, p.08)

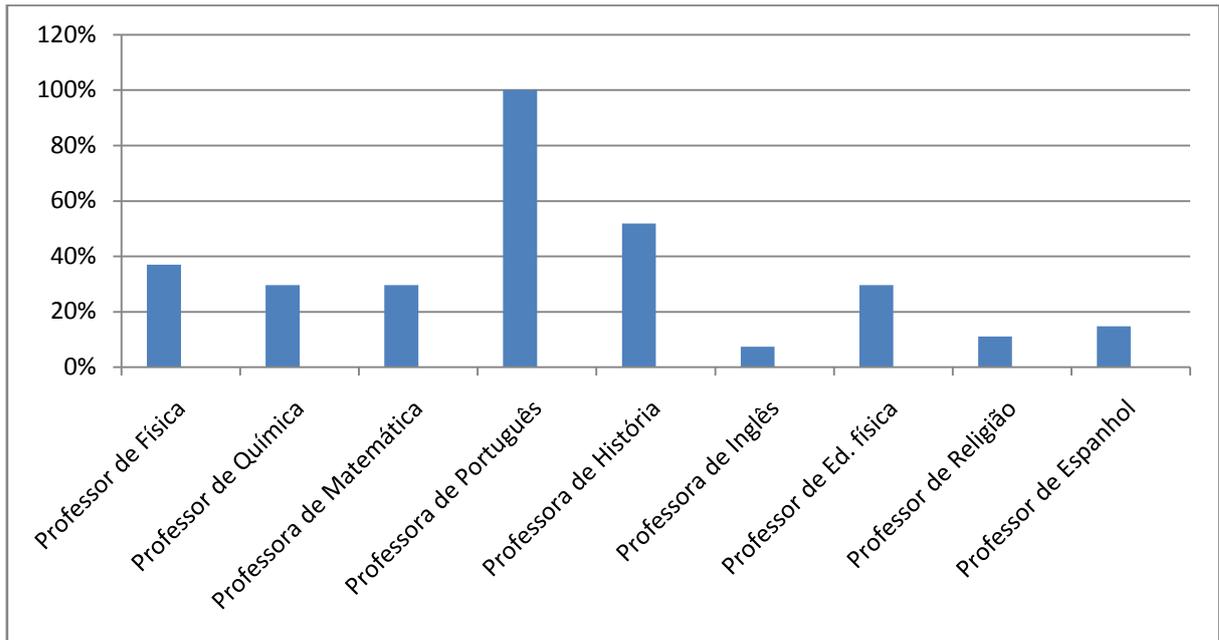
Embora, esta fala se refira ao professor primário, não quer dizer que não seja importante também que os professores dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, sejam alegres e otimistas, pois acredito que o estímulo a aprender, tanto na infância como na idade adulta, deve ser exercitado pelo professor, e um bom estímulo e incentivo que o professor pode dar ao aluno, é através do prazer e da alegria que sente em ensinar. No entanto, acredito que isso só é possível se o professor amar o que faz, caso contrário, não estará ensinando por prazer, mas sim por imposição de sua profissão.

### **3.5 A afetividade como componente da prática pedagógica**

Creio, que se o professor tiver em mente propostas de ensino que compreendam atividades que possibilitem a interação e o diálogo em sala de aula, além de criarem vínculos afetivos com seus alunos, provavelmente estará colaborando para a construção de uma escola voltada, não somente para a formação profissional de seus alunos, mas para a preparação destes indivíduos no exercício da cidadania e inserção social.

No gráfico a seguir, apresento os professores que, segundo os alunos, manifestam afetividade em suas práticas pedagógicas. Ressalto que os professores serão apresentados pelas disciplinas que lecionam e que somente as professoras de português e de história foram sujeitos de minha pesquisa.

Gráfico 2: Professores e disciplinas dos professores indicados como afetuosos



Fonte: A autora, 2013.

Nota-se através do gráfico 2, que a maioria dos professores manifestam afetividade em suas práticas pedagógicas, uns mais outros menos, sendo que as professoras de português e de história foram as mais reconhecidas pelos alunos como afetuosas.

Reportando-me ao que Alves (2005, p.20) diz ser a função fundamental do professor, a de instigar, ou usando o mesmo termo do autor, que é a de provocar a ereção da inteligência dos alunos, entendo que, enquanto a inteligência do aluno não é provocada, ela se encontra mórbida, escondida, e por essa razão o aluno muitas vezes é visto como incapaz ou, como é mais usado entre eles como burro. Sendo assim, creio que no processo de ensino-aprendizagem, para o professor provocar a inteligência do aluno, é necessário que exista uma relação de afeto entre ambos.

Foi isso que percebi analisando as respostas das professoras de Português e de História, indicadas com maior frequência pelos alunos como as que mais

manifestam afetividade nas suas práticas pedagógicas. Quando questionadas sobre se a afetividade contribuía no processo de aprendizagem dos alunos, a professora de história respondeu que: *“Sim. Porque a relação se torna leve, a aula passa sem sentir. Deixa de ser uma obrigação para ser um encontro prazeroso, interessante. Com isso, sentem-se atraídos pelos temas propostos e os vínculos se fortalecem.”* (PROFESSORA DE HISTÓRIA, 2º questionário, 26 mar. 2013)

Isso deixa implícito que, se não há afeto entre professor e aluno, se torna difícil a tarefa de provocar a inteligência dos alunos, quer dizer que essa relação de afeto entre ambos é um fator essencial na prática pedagógica dos professores.

Analisando a resposta da professora de português sobre a afetividade contribuir na aprendizagem do aluno, lembrei-me de uma questão que considero importante refletir. A professora dá a seguinte resposta: *“Sim. Porque se o aluno e o professor se “afinam”, sempre vai haver uma resposta boa em relação a aprendizagem”.* (PROFESSORA DE PORTUGUÊS, 2º questionário, 26 mar. 2013). A questão que considere importante refletir foi a seguinte: E no caso de não haver essa afinidade entre professor e aluno? O processo de aprendizagem não será possível?

Refletindo sobre essas indagações, é possível entender que a sala de aula é um ambiente onde se encontram indivíduos com personalidades diferentes, ou seja, cada aluno, incluindo também o professor, possui um jeito de ser, de se comportar, de se relacionar, possuem suas origens, suas crenças, enfim. Sendo assim, talvez, nem sempre o professor poderá cativar a todos e da mesma forma nem sempre o aluno se afeiçoará do professor. Acredito, que neste caso o que prevalece é o respeito e aceitação pelas diferenças, porém, não sei até que ponto essas diferenças poderão interferir no processo de ensino – aprendizagem.

Ainda dentro deste assunto, gostaria de colocar aqui as palavras da professora de História ao questionamento sobre como o professor pode estabelecer, em sua prática pedagógica, uma relação afetiva com os alunos: *“No olhar diferenciado. A identificação das diferentes formas de ser, de agir e reagir. Toda diferença têm seu encanto, o que nos cabe é torná-la atraente diante dos interesses deles.”* (PROFESSORA DE HISTÓRIA, 2º questionário, 26 mar. 2013.).

Penso que é interessante a maneira com que a professora pensa sobre a forma de se estabelecer afeto com os alunos. Percebo que, levando em conta a resposta da professora, no momento em que o professor considerar as diferenças

dos alunos como uma qualidade encantadora do mesmo, como se refere a professora *“toda diferença tem seu encanto”*, as diferenças deixarão de ser um obstáculo e passarão a ser aliadas para a conquista de uma relação afetuosa em sala de aula.

A professora de português responde a esta pergunta da seguinte forma: *“O professor, antes de tudo, “precisa” saber ouvir e compreender seus alunos. Somente quando ocorrem essas ações, as relações afetivas serão estabelecidas com êxito.”* (PROFESSORA DE PORTUGUÊS, 2º questionário, 26 mar. 2013). Não foge ao pensamento da professora de História, pois no momento em que ela traz a questão do *“saber ouvir e compreender.”* também remete a ação de perceber, aceitar e ver os encantos das diferenças dos alunos.

Através das respostas das professoras é possível perceber que a afetividade tem um papel fundamental no convívio em sala de aula. Cada professora entende a afetividade de um modo diferente. A professora de História entende que o afeto faz parte da natureza humana, e é demonstrado através das relações que o indivíduo tem com seu próximo e que ela procura passar alegria e prazer em estar com os alunos em sala de aula. Esta afirmação da professora me remete à Alves (2010, p.12) no momento em que fala que o professor deve ter alegria no ensinar independente de qual seja a disciplina.

A professora de Português é mais concreta na definição de sua afetividade em sala de aula, pois para ela, a manifestação de afeto depende do envolvimento e amizade que existe entre aluno e professor. Em relação ao tempo de convívio, acredito ter sido vantajoso para a professora de português, pois é provável que tenha contribuído para que se estabelecessem as relações de afeto entre ela e a turma.

É certo que é vantajoso para um professor acompanhar uma mesma turma desde o 1º ano do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, pois desta forma se torna mais fácil para o professor poder conquistar a confiança do aluno buscando conhecê-lo, ou seja; quem é seu aluno, de onde vêm, quem são seus pais, que influências têm/tiveram, por que estão na escola, enfim, essas informações se tornam mais fáceis de alcançar quando se acompanha a vida do aluno a mais de um ano por exemplo.

As professoras investigadas entendem que uma relação afetuosa entre professor-aluno, é um componente importante nas suas práticas pedagógicas, pelo

fato de que contribui para o aprendizado do aluno além de facilitar o convívio entre ambos, colabora para uma aula mais prazerosa e dialogada onde o professor consegue envolver o aluno nas atividades propostas fortalecendo os vínculos afetivos em sala de aula.

Em resposta a pergunta sobre alguma experiência que as professoras tenham tido em sala de aula em que a afetividade tenha tido um papel fundamental para o bom desempenho, a professora de história conta que:

*Sou professora de História, Filosofia e Sociologia. No primeiro período da manhã se faz a oração. Muitas vezes, ao chegar numa sala no 3º, 4º ou 5º período eles pedem para fazer a oração, rezar junto. Então, naquele dia a atividade planejada é revista, embora dentro do planejado. Certamente que espiritualizadas, todas as tarefas executadas terão um outro foco e resultado. (PROFESSORA DE HISTÓRIA, 2º questionário, 26 mar. 2013)*

Acredito que a professora encontrou no ato de fazer uma oração ou espiritualizar o ambiente da sala de aula, uma forma de se aproximar dos alunos, o que também criou laços de confiança entre ela e os discentes.

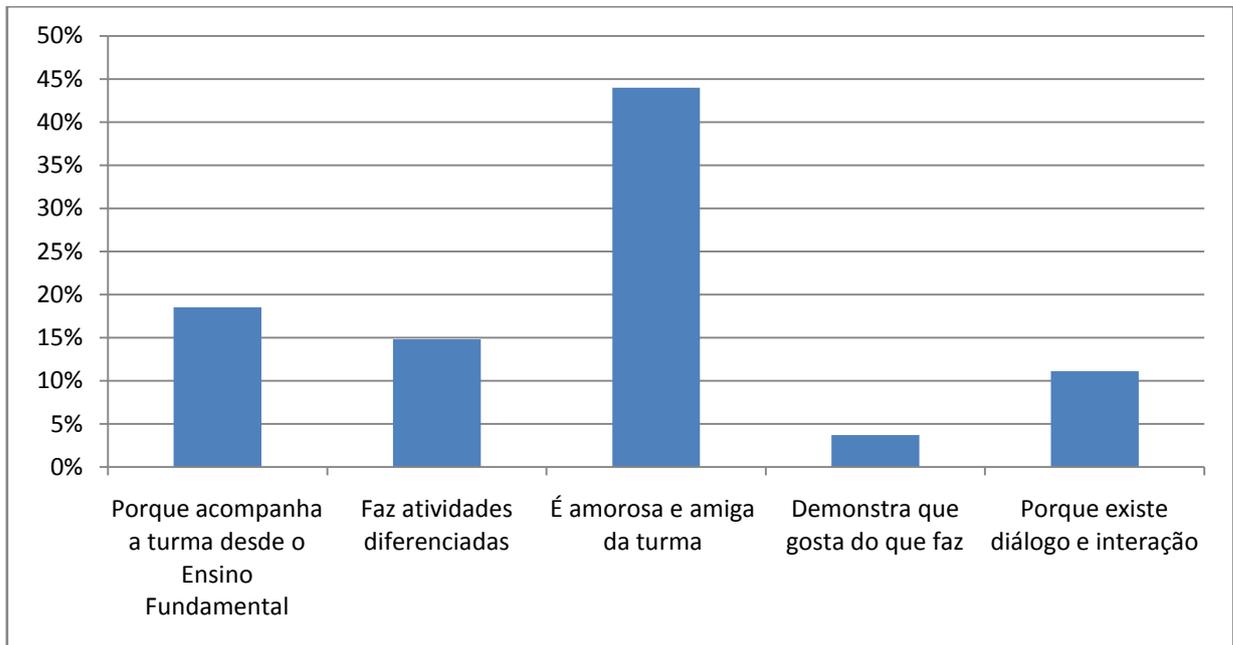
A resposta da professora de Português a esta questão teve outro foco:

*Os alunos sempre participam e debatem os temas de redação e gramática. Exemplo: Problemas familiares - citam casos conhecidos. Desigualdade social - a professora convidou os alunos para um passeio pela cidade. O trabalho foi com responsabilidade e com objetivo de conhecer outras realidades. Quando chegaram à escola conversaram sobre o que viram e sobre suas preocupações em relação às desigualdades. Logo visitaram o aterro sanitário do Município, e o reproduziram (em maquete) por se tratar do tema "sustentabilidade". (PROFESSORA DE PORTUGUÊS, 2º questionário, 26 mar. 2013)*

Percebe-se que a professora associa a afetividade com a participação dos alunos nas atividades propostas, ou seja, nas aulas em que é necessário que haja discussões, explanação de ideias e impressões sobre o tema em questão. O que entendo, é que certamente, sem que houvesse uma relação afetiva entre esta professora e os alunos, essas atividades poderiam não ter o mesmo efeito e resultados que a professora esperava.

Detendo-me com maior atenção na análise da afetividade na prática pedagógica desenvolvida pela professora de Língua Portuguesa, área de minha formação acadêmica, percebo que os alunos a reconhecem como uma professora afetiva por várias razões, como revela o gráfico a seguir.

Gráfico 3: Razões que justificam a indicação da professora de Português como afetuosa



Fonte: A autora, 2013.

Inicialmente pensei que a principal justificativa dos alunos em considerar a professora afetuosa, fosse o fato da professora conhecer e acompanhar a turma desde o 1º ano do Ensino Fundamental. No entanto, a grande maioria justificou sua indicação afirmando que a considerava afetuosa por ser amorosa e amiga dos alunos, o que foi perceptível para mim no dia da aplicação dos questionários com a turma como fiz menção em meu diário de campo: “A professora de português parece ter uma relação bastante amigável com todos os alunos”. (DIÁRIO DE CAMPO, 26 mar. 2013). Alguns alunos ainda responderam que consideram a professora afetuosa pela sua maneira de ensinar, sempre preocupada com a aprendizagem do aluno e pela maneira que explica o conteúdo.

O diálogo, a interação, as atividades diferenciadas em sala de aula, também são percebidos pelos alunos como manifestações de afeto na prática pedagógica desta professora.

Acredito que essas manifestações nas práticas docentes, não são específicas de um professor de Português, mas são válidas para professores de qualquer área do ensino, pois tratam-se, não da disciplina em questão, mas do convívio com os alunos, das relações que se estabelecem na sala de aula e do prazer que o professor sente em ensinar.

#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a escola que temos hoje, acredito que é possível sonhar com uma educação diferenciada e isso depende em boa parte do professor, pois ele possui autonomia para promover um ensino que vise a valorização do saber do aluno possibilitando que haja compartilhamento de conhecimentos.

Penso que o professor deve optar por uma prática pedagógica que objetive não apenas transmissão de conhecimentos científicos ao aluno e, que favoreça o estabelecimento de laços afetivos na relação professor - aluno.

Um bom relacionamento entre professores e alunos em sala de aula é essencial para a formação de cidadãos.

Nesta perspectiva, tendo em vista o objetivo deste estudo que foi o de investigar a importância da afetividade nas práticas pedagógicas dos professores que atuam no Ensino Médio, especialmente do professor de Língua Portuguesa, e compreender as formas com que ela se manifesta, os resultados obtidos são bastante positivos, pois indicam que a prática do professor pautada no diálogo, interação e entusiasmo, associados a uma relação afetuosa em sala de aula, contribui na formação de indivíduos capazes de ver o mundo e a sociedade com sensibilidade.

Verifiquei que os laços afetivos que o professor cria com os alunos em sala de aula, contribui para a construção de conhecimento, visto que o aluno sente-se mais à vontade para perguntar e tirar suas dúvidas.

Os dados obtidos nesta investigação revelam que os professores que manifestam afeto e são reconhecidos por seus alunos como professores afetuosos, preocupam-se cotidianamente com a aprendizagem dos alunos, procuram estar permanentemente atualizados em suas áreas de ensino e possibilitam o diálogo e a interação em suas aulas.

Refletindo a respeito deste trabalho percebo que esta pesquisa respondeu a algumas dúvidas que eu tive durante minha trajetória acadêmica. Primeiramente descobri que é possível estabelecer relações de afeto em sala de aula sem comprometer o respeito do aluno pelo professor. Entendi também, que a afetividade pode ser um componente incentivador durante meu desempenho profissional na

preparação das atividades pedagógicas, além disso, pode contribuir para um ambiente mais prazeroso em sala de aula.

Cabe ressaltar, que ao desenvolver este trabalho, pude mudar algumas concepções que tinha com relação à educação em nosso país. Uma delas era a ideia de que no Brasil, os professores não zelavam por uma pedagogia libertadora, que possibilitasse o diálogo, como eu e muitos colegas de curso imaginávamos na Universidade. Assim, apesar desta pesquisa ter sido aplicada em uma escola particular, creio que os resultados não se diferenciam das escolas públicas, pois se trata de professores e alunos que trazem consigo a necessidade de afeto assim como qualquer outro indivíduo, independente do contexto social em que vive.

Creio que professores que tenham a afetividade como elemento importante da sua prática pedagógica poderão contagiar os demais colegas com uma educação inovadora que contribua para que tenhamos alunos sensíveis em meio a uma sociedade marcada pela marginalidade. Quem sabe o papel destes professores, dos quais alguns apresentei nesta pesquisa, não seja somente o de despertar a inteligência de nossos alunos, mas também, despertar outros professores que se encontram acomodados em suas práticas pedagógicas e, talvez até despertar a mim mesma e aos que leíam este trabalho para um ensino que possibilite uma relação afetuosa com seus alunos através do diálogo e interação em sala de aula.

## 5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. **Processo de formação e aprendizagens ao longo da Vida**. Ano de publicação: 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n1/a11v32n1.pdf> Acesso em: 22 mar. 2013.

ALMEIDA, José Robério de Souza. **Afetividade e Educação**. Ano de publicação, 2008. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/afetividade-e-educacao/8654/> Acesso em: 24 out. 2012.

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos**. Campinas, São Paulo: Versus Editora, 2005.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 10<sup>a</sup> ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 13<sup>a</sup> ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2010.

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006. 194p.

ANSER, Maria Aparecida Carmona Ianhes; JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo; VENDRAMINI, Claudete Maria Medeiros. **Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor**. Revista Psicologia: teoria e prática, 2003. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872003000200007&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872003000200007&script=sci_arttext) Acesso em: 18 set. 2012.

AQUINO, Julio Gropa. **Autoridade e autonomia na escola**. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Summus: 1999.

BRASIL. LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**. 1996. atualizada em 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em: 13 set. 2012

BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2009. Disponível em: [www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOSIANE%20REGINA%20BRUST.pdf](http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOSIANE%20REGINA%20BRUST.pdf) Acesso em: 14 set. 2012.

DANTAS, Heloysa. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

FERNANDÉZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: ArtMed, 1991.

FILHO, Wolney Honório; ALENCAR, Alessandra Cardoso. **O professor e a cultura didática do centro de formação de professores primários de Catalão**. 1965 – 1983. Acesso em 2013. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/wp->

<content/uploads/2010/10/12%C2%AA-WOLNEY-HON%C3%93RIO-FILHO.pdf>

Acesso em: 16 mar. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GENTILE, Paola. **A indisciplina como aliada**. Revista Nova Escola. Janeiro 2002. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/indisciplina-como-aliada-431399.shtml> Acesso em: 29 mar. 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo; Atlas, 2002.

GOTTMAN, J.; DECLAIRÉ, J. **Inteligência Emocional**. 34 ed. Rio de Janeiro: Objetiva. 1997.

LEITE, Sergio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A afetividade em sala de aula: As condições de ensino e a mediação do professor**. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf> Acesso em: 24 ago. 2012

MARCONDES, Danilo. **Amor e Amizade Eros e Philia. XX Fórum Nacional. Brasil – “Um novo mundo nos Trópicos”**. 2008. Disponível em: [http://www.forumnacional.org.br/trf\\_arq.php?cod=EP02320](http://www.forumnacional.org.br/trf_arq.php?cod=EP02320) Acesso em: 24 ago. 2012.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 7ª ed. São Paulo. Editora Atlas, 2009.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo**. 2013. Disponível em: [http://togyn.tripod.com/o\\_papel\\_das\\_interacoes\\_na\\_sala.pdf](http://togyn.tripod.com/o_papel_das_interacoes_na_sala.pdf) Acesso em: 20 jan. 2013.

MASI, Domenico Di. **Entrevista à Folha Dirigida**. Junho 2010. Disponível em: <http://marbesnos.tumblr.com/post/9931792983> Acesso em: 27 nov. 2012.

MONTEIRO, Milenna. **Indisciplina e agressividade: Prevenção e intervenção no contexto escolar**. 2013. Disponível em: <http://monografias.brasilecola.com/educacao/indisciplina-agressividade-prevencao-intervencao-no-.htm> Acesso em: 19 fev. 2013.

MORALES, Pedro Vallejo. **A relação professor – aluno. O que é, como se faz**. 6ª ed. São Paulo. Layola, 1998.

PERISSÉ, Gabriel. **Professor – Artista ... ou Palhaço?** 2013. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur27/gabriel.htm> Acesso em: 22 mar. 2013.

RODRIGUES, Eduardo Pedro; VIANA, Helena Brandão. **Afetividade na relação professor x aluno. Revista Digital.** Buenos Aires, nº 153, 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd153/afetividade-na-relacao-professor-aluno.htm>  
Acesso em: 12 nov. 2012.

TAIAR, Eunice Martins de Moura. **A importância da afetividade para o aprendizado da criança.** Ano de publicação: 2009. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/a-importancia-da-afetividade-para-o-aprendizado-da-crianca-899195.html> Acesso em: 12 out. 2012.

WALLON, H. **Psicología e educação da infância.** In: WALLON, H. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

## 6 - APÊNDICES

## APÊNDICE A – Pedido de autorização à escola.



### Autorização

Eu Ana Lúcia Fagundes Ferreira CPF 00186577028 RG 5080424541 residente na rua Nei Ribeiro Flores nº 446 Telefone (53) 3241-1070 acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do pampa – UNIPAMPA, realizando Trabalho de Conclusão de Curso II sob orientação da Professora MSc. Claudete da Silva Lima Martins solicito autorização para desenvolver a pesquisa intitulada “A afetividade na relação professor – aluno” cujo objetivo é identificar junto aos alunos do terceiro ano e professores desta escola a importância da afetividade em sala de aula.

Certa de sua compreensão e colaboração agradeço desde já.

Assinatura

Bagé, 25 de fevereiro de 2013.

## APÊNDICE B – Autorização da escola.



### Autorização

Autorizo a acadêmica Ana Lídia Fagundes Ferreira do curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, que está realizando o Trabalho de Conclusão de Curso II sob orientação da Professora MSc. Claudete da Silva Lima Martins a desenvolver nesta Escola a pesquisa intitulada “A afetividade na relação professor – aluno”.

### Assinatura

Bagé, 25 de Fevereiro de 2013.

## APÊNDICE C – 1º Questionário. Aplicado aos alunos.



Prezado (a) aluno (a) sou estudante do 8º semestre do curso de Letras da Universidade Federal do pampa - UNIPAMPA, e estou fazendo uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso. Necessito de sua atenção para preencheres este formulário. Desde já agradeço a colaboração e garanto o sigilo dos dados.

Sua idade: \_\_\_\_\_ Masculino ( ) feminino ( )

1- No quadro a seguir, indique o nome dos professores que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e/ou no Ensino Médio desta Escola e que você considera como professores afetuosos, indicando também a disciplina que eles lecionam e as razões que justificam sua(s) escolha(s).

Professor(a):	Disciplina:	Razões

2 - Você acha que a afetividade entre você e seu professor em sala de aula influencia no processo de sua aprendizagem?

( ) Sim ( ) Não

Por quê?

3 - Com relação ao seu professor de Língua Portuguesa, você o considera afetivo?

( ) Sim ( ) Não

Por quê?

## APÊNDICE D – 2º Questionário. Aplicado aos professores.



Prezado (a) Professor (a) sou estudante do 8º semestre do curso de Letras da Universidade Federal do pampa - UNIPAMPA, e estou fazendo uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão de curso. Necessito de sua atenção para responder as perguntas a seguir. Através desta entrevista pretendo identificar a importância da afetividade nas práticas pedagógicas do (s) professor (es) mencionado(s) pelos alunos como um professor (es) afetuoso(s).

1- Você se considera um professor afetuoso?

Sim  Não

Por quê?

2- Em sua opinião , como um professor pode, na sua prática pedagógica, estabelecer relações afetivas com seus alunos em sala de aula?

3- Você acha que as manifestações afetivas do professor em sala de aula contribuem para o processo de aprendizagem dos alunos?

Sim  Não

Por quê?

4- Conte alguma experiência em que a afetividade teve papel fundamental para o bom desempenho dos alunos em uma atividade pedagógica elaborada em sala de aula:

## APÊNDICE E – Termo de consentimento dos sujeitos da pesquisa.



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_,

RG \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa Afetividade professor X aluno, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pela aluna Ana Lídia Fagundes Ferreira sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como de que não há nenhum risco e dos benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade.

Bagé, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2013.

---

Assinatura do sujeito ou responsável

